

A GEOPOLÍTICA DA GEOPOLÍTICA DO TURISMO: UMA TRADIÇÃO LATINO-AMERICANA?

Thiago Duarte Pimentel* & Dominic Lapointe**

Resumo

Partindo do fato de que o turismo tornou-se uma atividade global e que sua importância econômica (pela sua integração e expansão do sistema capitalista), social (como mecanismo de estabilização de conflitos, classificação e hierarquização social), cultural (como adesão a valores, afirmação de pertencimento e ritual secularizado) e política (como forma ideológica de promoção de um tipo de integração das sociedades periféricas no sistema mundo) se vê progressivamente aumentada na sociedade contemporânea, sobretudo no contexto pós II Guerra Mundial. Este ensaio teórico mapeia, por meio de uma revisão assistemática e narrativa, as principais vertentes de análise da geopolítica do turismo, nas primeiras 2 décadas do século XX, visando identificar suas principais características, componentes, ideias centrais e autores, bem como seus desenvolvimentos teóricos (escolas). Em que pese o crescente aumento recente sobre os estudos sobre geopolítica do turismo, impera ainda uma fragmentação neste subcampo disciplinar, em nível internacional, argumenta-se aqui a existência de uma tradição autônoma latino-americana, que remonta aos anos 1970, e cuja perenidade, continuidade e renovação (via formação de novas gerações) pode ser caracterizada como uma escola, embora sua difusão seja relativamente limitada por restrições linguísticas. Apresenta-se, ao final, uma proposta de agenda de estudos que vise recuperar esta tradição autônoma, atualizá-la e eventualmente colocá-la em diálogo com propostas, teorias e conceitos baseados em outras matrizes paradigmáticas, a fim de se propiciar um avanço neste tema de estudos.

Palavras-chave: Turismo; Sistema Mundo; Geopolítica; Geopolítica Crítica.

GEOPLITICS OF THE GEOPOLITICS OF TOURISM: A LATIN AMERICAN TRADITION?

Abstract

Recognizing that tourism has evolved into a global activity, its economic importance—stemming from its integration and expansion within the capitalist system—alongside its social significance (as a mechanism for conflict stabilization, social classification, and hierarchy), cultural role (as adherence to values, affirmation of belonging, and secularized rituals), and political function (as an ideological means of promoting a type of integration of peripheral societies into the world system) have progressively increased in contemporary society, particularly in the post-World War II context. This theoretical essay maps, through an unsystematic and narrative review, the main analytical approaches to the geopolitics of tourism in the first two decades of the 20th century, aiming to identify their key characteristics, components, central ideas, and authors, as well as their theoretical developments (schools of thought). Despite the recent increase in studies on the geopolitics of tourism, this subfield remains fragmented at the international level. This paper argues for the existence of an autonomous Latin American tradition dating back to the 1970s, whose continuity, persistence, and renewal (through the training of new generations) can be characterized as a school, albeit one whose dissemination is relatively limited by linguistic barriers. Finally, the essay proposes a research agenda aimed at recovering this autonomous tradition, updating it, and eventually engaging it in dialogue with theories, concepts, and frameworks from other paradigmatic traditions, in order to advance studies in this field.

Keywords: Tourism; World System; Geopolitics; Critical Geopolitics.

GEOPOLÍTICA DE LA GEOPOLÍTICA DEL TURISMO: ¿UNA TRADICIÓN LATINOAMERICANA?

Resumen

Partiendo del hecho de que el turismo se ha convertido en una actividad global y que su importancia económica (por su integración y expansión en el sistema capitalista), social (como mecanismo de estabilización de conflictos, clasificación y jerarquización social), cultural (como adhesión a valores, afirmación de pertenencia y ritual secularizado) y política (como medio ideológico de promoción de un tipo de integración de las sociedades periféricas en el sistema mundial) ha aumentado progresivamente en la sociedad contemporánea, especialmente en el contexto posterior a la Segunda Guerra Mundial. Este ensayo teórico mapea, a través de una revisión asistemática y narrativa, las principales corrientes de análisis de la geopolítica del turismo en las primeras dos décadas del siglo XX, con el objetivo de identificar sus características clave, componentes, ideas centrales y autores, así como sus desarrollos teóricos (escuelas de pensamiento). A pesar del reciente aumento de los estudios sobre la geopolítica del turismo, este subcampo sigue estando fragmentado a nivel internacional. Se argumenta aquí la existencia de una tradición autônoma latinoamericana que se remonta a la década de 1970, cuya continuidad, persistencia y renovación (a través de la formación de nuevas generaciones) pueden caracterizarse como una escuela, aunque su difusión sea relativamente limitada por barreras lingüísticas. Finalmente, el ensayo presenta una propuesta de agenda de investigación orientada a recuperar esta tradición autônoma, actualizarla y, eventualmente, ponerla en diálogo con teorías, conceptos y enfoques basados en otras matrices paradigmáticas, con el fin de propiciar un avance en este campo de estudio.

Palabras clave: Turismo; Sistema Mundial; Geopolítica; Geopolítica Crítica.

HOW TO CITE: Pimentel, T. D. & Lapointe, D. (2024). Geopolítica do Turismo: uma revisão sobre o estado da arte. *Anais Brasileiros De Estudos Turísticos*, 14(Special Issue). Recuperado de <https://periodicos.ufrj.br/index.php/abet/article/view/47051>
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14579370>



Licenciada por Creative Commons
4.0 / Internacional
CC BY 4.0

* Pós-Doutorado em Estudos Urbanos e Turismo (Geopolítica e Governança Regional do Turismo) pela UQAM. Pós-Doutorado em Teoria Social (Realismo Crítico) pela UFRJ. Doutor em Ciências Sociais pela UFJF. Mestre em Gestão de Empresas e Bacharel em Turismo, ambos pela UFMG. Professor e pesquisador em regime de dedicação exclusiva (UFJF) nos programas de pós-graduação (Mestrado/Doutorado em Ciências Sociais) e cursos de graduação (Bacharelado em Ciências Humanas e em Turismo). Membro da ISA, AIEST, IPPA. Membro da Cátedra UNESCO em Economia Criativa e Políticas Públicas. Professor visitante no Canadá, EUA, México, Cuba, Equador, entre outros. Editor-chefe da *Rev. Anais Brasileiros de Estudos Turísticos/ABET* e *Rev. Latino-Am. Turismologia/RELAT*. Diretor do Centro Latino-Americano de Turismologia. Vice-diretor do Centro de Pesquisas Sociais da UFJF. Ex-Conselheiro do Conselho Estadual de Turismo de Minas Gerais. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9841188234449467> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1889-069X> [thiago.pimentel@ufrj.br]

** Universidade do Quebec em Montreal (UQAM). Doutorado em Desenvolvimento Regional, Universidade do Quebec em Rimouski, 2011, UQAR. Titular da Cátedra de Pesquisa sobre Dinâmicas do Turismo e Relações Socioterritoriais. Professor titular. Endereço: UQAM, CP 8888, sucursal Centre-Ville, Montreal (Quebec), H3C 3P8. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5696-1471> E-mail: lapointe.dominic@uqam.ca

1 INTRODUÇÃO

A geopolítica – a interface entre poder e espaço (Agnew, Mitchell & Tuathail, 2003; Dodds, Kuss & Sharp, 2013; Malek-Mohammadi, 2015) – como campo de práticas sociais sempre existiu no universo humano (Lacoste, 1972). Entretanto, sua importância foi dramaticamente acentuada no último quartel do século XIX, quando surge um processo deliberado de reflexividade sobre o tema. Esse período recente é crucial para o entendimento do tema, pois dele emergem (pelo menos) três inflexões na sua trajetória de pesquisas.

No início, as questões geopolíticas estavam mais concentradas nas mãos dos governantes - governadores, imperadores, aristocracia feudal, etc. – pois no mundo estável da era feudal o poder era exercido de forma bidirecional (ou mais frequentemente unidirecional). Já no século passado a situação se tornou mais “democratizada” na medida em que um novos tipos de atores passaram a buscar influenciar decisões políticas, como, por exemplo, grandes empresas (fábricas de veículos internacionais nos países em desenvolvimento), tornando-as mais complexas, polarizadas e multifacetadas. Nesse contexto, com a emergência de vários atores – com capitais distintos e com eles esferas de influência no mundo moderno – as relações de poder passam a ser redefinidas em uma rede multidirecional. O poder político dos Estados Nacionais, exercidos pelos seus governos, passa a ser disputado (e interferido também) por atores “não políticos”, a maioria destes “novos” atores, grandes empresas internacionais¹.

Se no início os estudos geopolíticos concentraram também mais atenção ao *ponto focal do processo geopolítico* (e.g. capacidades estatais ou as áreas estratégicas e seus recursos), ao longo do tempo, os pesquisadores mudaram sua orientação a fim de expandi-lo e ver todo o processo como uma relação, na qual, de um lado há o foco central nas decisões geopolíticas, mas, do outro lado, há as pessoas que recebem as decisões e podem aceitar e legitimar ou recusar e contestar essas decisões. Essa reorientação, mais aberta, indeterminada e relativista (consoante o espírito da pós-modernidade) levará ao estabelecimento da geopolítica crítica. Assim, o campo dos estudos abrange um conjunto de novas categorias e acessórios para lidar com o assunto.

Por outro lado, ainda que no começo os temas mais comuns em geopolítica eram econômicos e militares, uma nova forma de fazer geopolítica surgiu no último meio século. Era o turismo. Mesmo pensado ou associado a um tempo não sério, um tempo de lazer e sem atividades produtivas (leia-se não importante) no tempo livre; o turismo desempenhou um papel importante no processo de coexistência após a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, o turismo passou a ser usado como uma atividade econômica para ocupar não militarmente áreas em disputa de influência, em um mundo dividido pela Guerra Fria (Dachary, 2018).

Do ponto de vista econômico, em particular de seu aparato produtivo, o turismo está inserido no nível macroeconômico numa nova forma funcional (Dachary, 2015) de articulação e maximização do capitalismo (Harvey, 1992), na qual opera de duas maneiras (Pimentel, 2017; 2022): (1) aumentando a circulação de capital entre espaços e regiões – inclusive periféricas – aumentando assim as possibilidades de alocação de recursos e assim otimizando as vantagens diferenciais que podem ser exploradas das assimetrias entre essas regiões; e (2) a inclusão no âmbito do sistema produtivo e econômico – isto é, produção, distribuição e consumo – de uma nova classe de produtos e serviços relacionados ao tempo de lazer²(Zuzanek, 2018), aumentando assim o escopo do sistema capitalista através da introdução de novos produtos e áreas, tipicamente não produtivos (Briceño & Muñoz, 2015). Ou seja, o turismo torna-se um símbolo de acumulação mesmo pela inclusão no mercado (e a lógica do tempo de trabalho e suas regras) do tempo livre (e “improdutivo”).

No contexto macrosociológico (Wallerstein, 1974; 2000), um novo marco de divisão internacional do trabalho se opera na segunda metade do século XX, com a consolidação das sociedades pós-industriais (Touraine, 1969) e pela expansão do setor de serviços e pela contração do setor industrial. É nesse contexto que o turismo se insere nesta nova ordem mundial, onde, por um lado, os países mais desenvolvidos absorvem esta atividade, mas seletivamente, especialmente as partes mais técnicas e operacionais deste sistema, ainda assim de forma diluída entre todas as outras atividades de seu sistema econômico; enquanto, por outro lado, os países periféricos o incorporam mais acentuadamente, pois com um sistema econômico menos diversificado e produtos de menor valor agregado, esta atividade seria incorporada e acomodada de forma mais fácil, ainda especializada em áreas destinadas ao turismo, devido à menor capacidade de investimento em aparelhos comerciais e produtivos da atividade. Assim, nestes países, o que restaria seria a exploração dos recursos naturais através de equipamentos de gestão internacional, capazes de fazer os investimentos necessários na transformação e exploração de tais recursos (Arend, 1990; Pochmann, 1991).

O turismo tornou-se uma “indústria” economicamente importante e tem sido replicada de forma massiva em vários países do mundo (Dachary, 2016; 2018). Tal atividade econômica tem sido adotada especialmente pelos países em desenvolvimento, como uma atividade econômica alternativa, já que não requer grandes investimentos (comparativamente com outras atividades, como a indústria automobilística ou de telefonia celular, inovação, etc.). Entretanto, o turismo é um setor menos rentável que a transformação intensiva da indústria e, mesmo dentro do setor turístico, existem diferentes níveis de renda de acordo com o subsetor da cadeia do turismo (por exemplo, a maior parte do PIB [75%] fica com cadeias internacionais de hotéis, operadores turísticos e companhias aéreas, enquanto restaurantes, atrações, etc. – atividades tipicamente desenvolvidas nos destinos – são menos lucrativas). Assim,

¹ Ver Lenin em *o Imperialismo e Capital Monopolista*.

² Esfera previamente não penetrada pelo mercado e, desde o início, crescimento econômico produtivo sem valor, já que não produzia bens. Para uma boa visão geral do lazer ao longo do tempo ver Zuzanek (2018).

o turismo tem sido “empurrado” para os países em desenvolvimento como uma forma de desenvolvimento, no entanto, pode ser uma ilusão se apenas segue o padrão (de plantation) em que é pregado hegemonicamente. A fim de colocá-lo de volta em sua rota (de desenvolvimento) é necessário fazer uma avaliação mais específica sobre as formas (sob quais condições) em que ele possa ser emancipador.

Mesmo sob o aspecto econômico (encarado como setor de exportação), o turismo nem sempre gera um saldo positivo na balança comercial em virtude de (salvo em países específicos³) um volume total de fluxo turístico (considerando-se as entradas de estrangeiros e as saídas de residentes a outros países) serem, em geral, próximos, tendo uma significância mais proeminente nas taxas diferenciais de gastos entre o *inbound tourism* e o *outbound tourism* (Ouriques, 2005; 2008). Além disso, estudos sobre a cadeia econômica do turismo evidenciam que cerca de 75% do PIB turístico está concentrado nos segmentos operativos da atividade: empresas de transporte aéreo, cadeias hoteleiras e agências de viagem, os quais, em geral, em nível mundial, são dominados por grandes conglomerados empresariais transnacionais, sediados nos países desenvolvidos (Bull, 1994). Uma implicação é que o turismo parece não ser uma atividade econômica tão rentável quanto promete, especialmente para os países pobres (Vercellone, 2017).

Apesar disso, assiste-se um crescente espaço dedicado ao turismo como atividade econômica crescentemente relevante e até mesmo estratégica em suas agendas de desenvolvimento nacional, efetuando, quase sempre, empiricamente uma mudança na sua matriz produtiva de forma a dar cada mais espaço à esta atividade (Eddy, 2016; Pimentel, 2017). De certo modo, tal fenômeno tem se repetido em vários países, caracterizando assim um fenômeno global, embora sua adoção de forma mais acentuada seja nos países periféricos, sobretudo em função de sua baixa capacidade de investimento e do baixo valor que esta indústria requer.

É precisamente a partir deste contexto previamente esboçado que se coloca a geopolítica no turismo como problema de investigação, que levanta uma série de questões onde sobre e “camada” política do turismo, que vai além dos seus aspectos técnicos-operacionais usualmente reconhecidos. *Como a geopolítica entra nos estudos do turismo e vice-versa (i.e. como o turismo é usado como um mecanismo de manifestação da geopolítica em nível internacional)? Ou ainda: qual a função política do turismo em uma determinada região? Ou como se dá a influência de variáveis exógenas (tais como: importância relativa do país,*

sua liderança ou a percepção que se tem dele no cenário internacional em função de outros fatores não turísticos – desenvolvimento econômico, social, cultural, etc.) influenciam na repartição dos fluxos turísticos mundiais?

Partindo da suposição de que as agendas de pesquisa – inclusive no tocante ao tema da geopolítica do turismo – são geopoliticamente diferenciadas consoante a inserção internacional dos investigadores, seus países de origem, e as problemáticas mais prementes em seus contextos, este texto, que é parte de um projeto de pesquisa mais amplo, busca realizar um levantamento da literatura recente e especializada sobre a geopolítica do turismo e, mais particularmente, investigar se há dentre elas alguma vertente específica de estudo do tema, no turismo, que dialogue com o contexto latino americano de desenvolvimento, o qual impõe seletividades tanto na agenda quanto na forma de operação de seus governos. Para tanto, realiza-se aqui uma análise da função geopolítica do turismo, segundo diferentes tradições – clássica e crítica – a partir de um resgate heurístico, propedêutico e não exaustivo da literatura, com base em estudos prévios sobre o tema (geopolítica), seus desenvolvimentos teóricos, sua interface e entrada na agenda de “estudos turísticos” internacional e regionalmente. A partir desse arcabouço propõe-se uma sistematização de suas principais características, componentes e ideias centrais, reorganizadas a partir de uma visão estratificada da realidade (realismo crítico)⁴.

2 GEOPOLÍTICA E TURISMO E VICE-VERSA

2.1 As Três Ondas da Geopolítica

A geopolítica⁵ é um campo de estudos – tributário da geografia, história, ciências sociais e relações internacionais – que analisa as relações entre os conceitos de poder político e de espaço geográfico, originalmente tomando o espaço e seus atributos (localização física, tamanho, clima, topografia, demografia, relevo, recursos naturais e tecnológico, etc.) como variável importante para a determinação do comportamento político em escala sistêmica (i.e. de um estado nacional), e, que com o passar do tempo incorporou também o efeito inverso (i.e. a retroalimentação ou os efeitos da política sobre o sistema de objetos e de ações presentes em um dado espaço, sendo, atualmente, um dos conceitos aplicados mais utilizados no mundo no tocante a literatura política (Malek-Mohammadi, 2015).

Se nos movimentos teóricos em profundidade e de longo prazo, que ultrapassam os limites iniciais de sua criação podemos identificar ondas (Vandenberghe, 2014)⁶, com os estudos sobre geopolítica não é diferente. Ao longo

³ Montejano (1991) os classifica como países pequenos, em geral, ilhas ou de pequena extensão territorial, com pouca diversificação produtiva e uma economia fracamente baseada no setor de serviços, em geral, e no turismo, em particular. Como exemplos citam-se Cuba, Costa Rica, Malta, entre outros.

⁴ Por questões de espaço e escopo do texto, apenas assumimos aqui a posição epistemológica do realismo Crítico, sobre cujos pressupostos nnos baseamos, sem, contudo, adentrá-lo aqui. Sua exploração mais fundo pode ser encontrada alhures (cf. por exemplo Pimentel, 2012; 2014; 2024; Pimentel & Rodriguez, 20217).

⁵ “Geopolítica, do Grego Γη (terra) e Πολιτική (política), é o estudo dos efeitos da geografia (humana e física) na política internacional e nas

relações internacionais (Devetak et al., 2012: 492)” (Malek-Mohammadi, 2015: 111). Agnew (2003: 128) define geopolítica como “o estudo do impacto das distribuições geográficas e divisões sobre a conduta da política mundial. No seu sentido original referia-se ao impacto da disposição espacial dos continentes e oceanos e a administração dos recursos humanos e naturais sobre as relações inter-estados [nacionais]. Hoje, no entanto, o termo também cobre o exame de todos os tipos de pressupostos geográficos, designações e entendimentos que entram na construção da política mundial (como na geopolítica crítica).”

⁶ Tratando da constituição filosófica do realismo crítico, o autor considera que “[...] é uma onda filosófica que criou uma mudança permanente, de longa duração no modo como o mundo é concebido. Eu chamo isto de

de sua história, existem pelo menos três períodos – ou ondas – de estudos sobre o tema: (1) a *geopolítica civilizacional*, que se caracteriza pela formação dos estados nacionais no começo do século XIX (1815-1875), (2) a *geopolítica naturalizada*, manifesta pela emergência do capitalismo no início da Europa moderna (1875-1945) e a (3) a *geopolítica ideológica*, caracterizada pela expansão europeia para o resto do mundo (Agnew, 2003)⁷.

A *geopolítica civilizacional* emerge como parte de uma reação ao “problema da estabilidade” da Europa ocidental, que havia perdido o seu centro cósmico baseado na cristandade, durante a época das guerras religiosas (Agnew, 2003). Segundo o autor, a economia política internacional entre 1815 e 1875 foi caracterizada pelo “Concerto Europeu” – segundo o qual nenhum estado estabeleceria a lei em relação aos demais dentro da Europa – combinado com a emergência da dominância econômica britânica em relação ao resto do mundo. Aliado a isto, fatores econômicos, políticos, culturais e técnico-científicos⁸ foram responsáveis por formar uma conjuntura propícia ao estabelecimento de uma geopolítica formal, racional legal e diplomática e, por sua vez permitiu a expansão pacífica das economias internas de cada país, ao longo do século, até a intensificação de visões conflituosas sobre o espaço de cada país, à necessidade de revisão dos pactos internacionais e a consequente erupção da I Guerra Mundial (Agnew, 2003).

O sucesso econômico da Alemanha e dos Estados Unidos durante este período impôs a Inglaterra, que estava amplamente comprometida com tecnologias em defasagem, um dilema: acirrar a competição em termos de bens manufaturados dentro do espaço europeu ou lançar mão de sua relativa vantagem em termos de pioneirismo para explorar mercados ainda sub ou inexplorados, no resto do mundo. Esta foi a saída escolhida.

A segunda onda dos estudos em geopolítica pode ser entendida como a geopolítica naturalizada, que representa a atividade humana em termos de processos e fenômenos naturais. Ao invés de caracterizar-se como um aspecto civilizacional, esta etapa enfatiza os aspectos biológicos e naturais como sendo atributos próprios das sociedades e estados nacionais, naturalizando-as. Esta concepção foi largamente influenciada pelo espírito da época (*Zeitgeist*) em que vigorava as analogias naturalistas e o evolucionismo nas filosofias de Herbert Spencer e Charles Darwin, na Inglaterra, e que também ecoavam na produção alemã, com destaque para a teoria ecológica da raça de Ratzel (1844-1904). Agnew (2003) considera que o naturalismo pressupunha algumas pré-condições para ser efetivado, tais

como: a) a aparente separação entre afirmações científicas e a posição subjetiva de um escritor ou político, gerando um senso de universalidade, b) a convicção de que a observação da política mundial e a divisão econômica era uma forma de percepção inocente da qual as generalizações sobre recursos e poderes poderia ser feita (o que dependia, por sua vez, de conhecimento geográficos e cartográficos), além do c) cientificismo, que acreditava ser possível encontrar a verdade objetiva da realidade a partir da sua observação direta, isto segundo sua forma de manifestação.

Surge então, a ideia de estado nação como uma unidade orgânica (biological organism), que necessitava de espaço e de adaptação ao seu ambiente para sobreviver estava apoiada em três aspectos centrais: “a harmonia entre estado e nação, fronteiras políticas naturais, e o nacionalismo econômico” (Agnew, 2003, p. 101).

A terceira onda dos estudos em geopolítica pode ser entendida como geopolítica ideológica, que foi estabelecida no período da guerra fria, após a IIGM. Mais do que civilizacional ou naturalizada, este tipo de geopolítica pode ser caracterizada como “linguacultural”, referindo-se a “[...] valores, mitos e palavras de ordem extraídas das experiências dos dois estados nação vitoriosos, os Estados Unidos e a União Soviética, que foram usados para definir o imaginário geopolítico do período” (Agnew, 2003: 105-106). Os antigos temas da geopolítica civilizacional e naturalizada foram ressignificados de acordo com o novo espaço discursivo, sendo os dois elementos mais importantes: polaridade moderna vs. retrógrada; e a ideia de segurança nacional.

O estabelecimento de uma nova polaridade mundial, em torno das duas superpotências, levou a construção de uma nova ordem mundial, em que os demais países foram classificados em termos de sua importância relativa, proximidade cultural ou interesse estratégico e organizados em esferas de influência (ou submissão) direta ou indireta em relação a uma das duas potências, tendo apenas poucos países residuais que adotavam uma política de não alinhamento. Enquanto os Estados Unidos promoviam a democracia e o capitalismo como doutrinas centrais de sua geopolítica, a União Soviética apostava no socialismo e em regimes políticos autoritários e centralizados como forma de organização econômica e política respectivamente. Mas, talvez o mais importante tenha sido a estratégia mundial adotada por cada potência, pois enquanto os Estados Unidos investiram em uma política mais ostensiva de promover a sua ideologia e buscar o alinhamento de países periféricos, a União Soviética optou por um fortalecimento

maremoto, por causa da terra (o realismo crítico é uma ontologia de profundidade) e também porque no interior dessa expansão, podemos distinguir três ondas [movimentos]⁷ de expansão e mudança interna de sua constituição.

⁷ Outra leitura possível seria utilizando o critério epistemológico para classificação dos estudos sobre, podendo assim agrupá-los também em três grandes correntes: (1) geopolítica clássica, (2) a geopolítica crítica e (3) a fragmentação atual do campo (Agnew, Mitchell & Tuathail, 2003; Dodds, Kuss & Sharp, 2013; Malek- Mohammadi, 2015). Este argumento será explorado mais adiante, ao propor uma reinterpretação da geopolítica a partir da filosofia da ciência do realismo crítico.

⁸ Por exemplo, (a) *fatores econômicos*: crescimento do capitalismo mundial e a centralidade da Inglaterra como centro do financeiro mundial, devido à seu estaque e estabilidade; (b) *políticos*: a definição de uma ordem política

aristocrática dada pelas *elites burguesas* que operavam no sentido de conter os nacionalismos gerados pela revolução francesa, ausência de conflitos, respeito mútuo dos estados e o papel das elites endossando a centralidade da Inglaterra como centro financeiro mundial, como forma de prevenção de possíveis erupções de conflitos locais; (c) *culturais*: crença nas raízes de uma distintividade Europeia, busca por auto afirmação para se comprar aos grandes feitos de outras civilizações e a emergência de um senso de superioridade que vai se confirmando devido às viagens europeias de exploração e descoberta propiciadas pelos inventos técnicos; (d) *técnicos científicos*: o conhecimento geográfico, a cartografia e os aparatos – e.g. bússola, mapas, etc. – técnicos que permitiam uma mais precisa e eficiência relação com o espaço e sua dominação; e até (e) *morais* – como a retórica de “missão” estadunidense dada pela doutrina do “Destino Manifesto” e “A Grande Nação do Futuro” (Agnew, 2003: 86-94).

interno do seu bloco ao invés de uma ampla disseminação de sua ideologia em escala global.

À esta periodização poder-se-ia acrescentar um quarto período: a geopolítica contemporânea – ou fragmentada (Dodds, Kuss & Sharp, 2013), referindo à nova ordem mundial reorganizada de forma mais fluida e flexível, cujas premissas estariam na constituição de uma dupla clivagem: a reorganização / classificação do mundo, (a) do ponto de vista econômico, entre ricos e pobres e (b) cultural e identitariamente pela clivagem – mais multifacetada e polarizada – de vários grupos, subgrupos, redes que se identificam com um dado imaginário de civilização (ocidental, cristão, islâmico, hindu, latino-americano, africano, etc.) e que buscam afirmar-se identitária e culturalmente por meio dos valores, representações, estilos de vida e padrões socialmente compartilhados, refletindo uma coesão social não determinada nacionalmente pelo Estado ou territorialmente (ainda que se possa especializar em regiões a predominância de um dado padrão).

Assim, usando uma concepção discursiva para a organizar as eras da geopolítica Ó Tuathail (1998), identifica 4 narrativas principais, de acordo com seus discursos, intelectuais chave e o vocabulário dominante.

Figura 1. Discursos da geopolítica.

Discurso	Intelectuais chave	Vocabulário dominante
Geopolítica imperialista	Alfred Mahan Friedrich Ratzel Halford Mackinder Karl Haushofer Nicholas Spykman	Potência marítima <i>Lebensraum</i> [espaço vital] Potência terrestre/Heartland [área central] Potência terrestre/Heartland [área central] Rimlands [estratégia de contenção]
Geopolítica da Guerra Fria	George Kennan Líderes militares ocidentais e soviéticos	Contenção 1º, 2º e 3º mundo Países como satélites e áreas de influência e domínio Blocos ocidental vs. bloco oriental
Nova geopolítica mundial	Mikhail Gorbachev Francis Fukuyama Edward Luttwak George Bush Líderes do G7, FMI e OMC Planejadores estratégicos do Pentágono e OTAN Samuel Huntington	Novo pensamento político Fim da história Geeconomia estatal EUA liderando nova ordem mundial (Neo)Liberalismo transnacional Estados vampiro, foras da lei nucleares e terroristas Choque de civilizações
Geopolítica ambiental	Comissão mundial de meio ambiente e desenvolvimento Al Gore Robert Kaplan Thomas Homer-Dixon Michael Renner	Desenvolvimento sustentável Iniciativa ambiental estratégica Emergência da anarquia Escassez ambiental Segurança ambiental

Fonte: traduzido de Ó Tuathail (1998, p. 5).

Enquanto a proposta de interpretação oferecida por Agnew (2003) explora um corte histórico e ideológico, a leitura de Ó Tuathail (1998) baseia-se em uma forma de classificação discursiva. Se o primeiro autor busca o acréscimo de uma fase anterior, de formação prévia das condições de produção do discurso clássico da geopolítica – a *geopolítica civilizacional* (1815 a 1875) – o segundo oferece o acréscimo de uma nova fase contemporânea marcada pelo discurso ambiental e sua influência em termos

de escassez ou segurança ambiental para as nações. A despeito dessas diferenças, o que parece ser certo, é a inequívoca caracterização da evolução da geopolítica em pelos menos 3 fases históricas: a) a geopolítica clássica ou moderna, b) a geopolítica da guerra fria e c) a geopolítica contemporânea ou da nova ordem mundial⁹.

Uma concepção moderna abarcaria tanto as contribuições de teóricos do final do século XIX até o fim da IIGM, já que neste período a produção do campo é orientada pelas mesmas premissas e constelação de ideias: desde o nascimento das concepções da geopolítica, no final do século XIX, sua ascensão relacionada à corrida imperialista europeia, e seu declínio com a fim da I Guerra Mundial. Soma-se o descrédito intelectual devido à sua progressiva associação do tema à ideologia nazista e a derrota dos países do Eixo na IIGM, que leva a um progressivo abandono do tema no período entre guerras e o início do período da Guerra Fria.

A geopolítica da Guerra Fria, por sua vez reelabora as categorias teóricas e analíticas da geopolítica clássica ou moderna, porém com o deslocamento do seu campo semântico com a inflexão de sentido, ao adotar um discurso humanitário, benevolente e altruísta por parte dos EUA (ao invés do discurso imperialista, supremacista e racista adotado pela Alemanha). Nesse período a guerra desloca-se para o campo discursivo, onde o embate de ideias para a criação de doutrinas ideológicas passa a ser a tarefa central - pelo menos em relação ao mundo ocidental – como meio de persuadir as áreas de influência a adotar a visão defendida.

Após a queda do muro de Berlim (1989), o mundo assume uma nova ordem mundial, onde a emergência da *geopolítica crítica*¹⁰, influenciada pela revisão epistemológica e cultural – sobretudo pela adoção de uma perspectiva pós-estruturalista e pós-moderna – em seus pressupostos, deslocam o objeto de estudo e sua escala de estudo para discursos, práticas sociais e atores ordinários em situações do cotidiano. Esta linha de análise aborda a geopolítica não como uma consideração neutra de dados geográficos predados, mas como uma forma de análise profundamente ideologizada e politizada.

3 GEOPOLÍTICA DO TURISMO

3.1 Estudos recentes em países desenvolvidos (Europa e na América do Norte)

Ainda que remontem a trabalhos inicialmente apresentados nos anos 1980, os estudos dedicados especificamente ao debate da geopolítica do turismo são, ainda, relativamente recentes, haja vista, por exemplo a relação de artigos publicados na revista *Annals of Tourism Research*. Dos 25¹¹ documentos nela publicados, entre

⁹ Outra leitura possível, baseada em premissas epistemológicas, classificaria a geopolítica em moderna, pós-moderna e contemporânea.

¹⁰ “A geopolítica crítica investiga os pressupostos e designações que entram na construção do mundo político (Agnew 2003:2). Ela busca examinar e explicar a as práticas pelas quais atores políticos especializam e representam a política internacional como um ‘mundo’ caracterizado por tipos particulares de lugares (Ó Tuathail and Agnew: 1992:190).” (Kuss, 2001, p. 1).

¹¹ Consulta realizada em 10 de janeiro de 2021, em <https://www.sciencedirect.com/search?qs=geopolitics&pub=Annals%20of%20Tourism%20Research&cid=271796&articleTypes=FLA&lastSelectedFacet=articleTypes>. Foi usado o termo de busca “geopolitics”. Foram encontrados 25 resultados, sendo 18 referentes a artigos de pesquisa, 5 resenhas de livros e 2 comunicações curtas, assim distribuídos (ano/quantidade de artigos): 2019 (4), 2018 (1), 2016 (1), 2014 (3), 2012 (1), 2010 (1), 2009 (1), 2008 (1), 2004 (1), 2002 (1), 1999 (1), 1996 (1), 1994 (1). Como se observa apenas em 2019 e em 2014 houve mais de um artigo publicado por ano. Nos demais anos 1 artigo / ano, com exceção dos anos de: 2020, 2017, 2015, 2013, 2011, 2007, 2006, 2005, 2003, 2001, 2000, 1998, 1997, 1995. Ou seja, em 13 houve publicação e em 14 anos não

1994 e 2019, que mencionam o tema, o desenvolvem efetivamente sob a forma de um artigo (com resultados) de pesquisa. Cumpre ainda mencionar a recenticidade destes materiais, sendo todos eles da última década.

Como um produto de sua época, os temas mais recorrentes aparecem frequentemente associados sob a rubrica de **geopolítica crítica**. Raento (2009), por exemplo, explora o que entende ser o “paradigma” visual dos estudos turísticos a partir do estudo de caso dos selos postais da Finlândia ao longo de quase um século (1917-2001). Em sua interpretação, o autor defende que o tipo de análise empreendida mostra como a política da identidade nacional [imaginário] –usando os selos como mecanismo de sua expressão material e os ícones representativos daquela identidade, metonimicamente através de pontos turísticos, monumentos e eventos– foi sendo mudada e moldada ao longo do tempo, tendo seus conteúdos variando entre promoção turística, construção de identidade e educação cidadã. Ainda segundo o autor, os dois principais pontos de inflexão desse processo estão relacionados com a geopolítica e a economia mundial na medida em que as ênfases e ausências em determinados ícones evidenciam não apenas um nacionalismo banal mais também um processo de construção de um “nós”, uma coletividade ou comunidade (auto) imaginada.

Por sua vez Kim, Prideaux e Timothy (2016), ao analisarem os *fluxos turísticos* bilaterais evidenciaram que estes incluem histórias compartilhadas, relações diplomáticas, fatores geopolíticos, nacionalismo e questões políticas de ordem doméstica e internacional. Tomado como contexto empírico o caso da relação entre China e Japão, exploram a história da recente invasão, ocupação e reconciliação entre estes países mostrando como tais elementos produzem um *imaginário* próprio permeado de fascinação e desconfiança e que influi na forma como os países se relacionam, para além dos indicadores tradicionais como produto interno bruto, balança comercial e taxas de comércio.

Burns, Cladera e Bergada (2008) também abordaram o conceito de geopolítica, a partir da *análise dos fluxos* aéreos, derivado do conceito de “espaço de fluxos” proposto por Manuel Castells. O conceito baseia-se na ideia de que a sociedade contemporânea é construída em torno de fluxos de capital, fluxos de informação, de tecnologia, de interações organizacionais, de imagens, sons e símbolos, sendo esses fluxos a expressão de processos de dominação. Assim, os autores analisam os fluxos aéreos de passageiros entre as regiões metropolitanas da Europa e argumentam que os fluxos globais aéreos representam um dos poucos índices disponíveis de fluxos transacionais ou conectividade interurbana, por isso a sua avaliação serve para a compreensão da natureza das relações entre as 28 regiões metropolitanas do espaço aéreo europeu analisadas, que vai além da posição geográfica das cidades, e mostram que há maior utilidade na noção de proximidade funcional que na de proximidade física.

Mostafanezhada e Promburomb (2018) exploraram o

imaginário dos moradores locais em relação ao turismo induzido pelo cinema. Segundo os autores, o cinema contemporâneo explora as relações históricas sociopolíticas chino-tailandesas veiculando um imaginário difuso, baseado em discursos de diferentes grupos e segmentos sociais, práticas em relação ao turismo e a forma como este tem sido enfocado pela mídia, que conformam experiências cotidianas de manifestação da geopolítica em escala local e na dinâmica da vida popular. Estes discursos e práticas difusas teriam a capacidade de formar um pano de fundo onde a naturalização das relações de dominação seria progressiva, sub-reptícia e difusamente disseminada; e ancorada naquele imaginário, formando assim uma visão de mundo naturalizada.

Em trabalho posterior, Gillen & Mostafanezhad (2019) se dedicaram a elaborar um *framework* a respeito dos estudos turísticos a partir da geopolítica, em particular focalizando os encontros turísticos como “encontros geopolíticos” visando compreender como a experiência reflete as relações de poder em diferentes escalas (locais, regionais, nacionais ou globais). A proposta de mobilização de três dimensões, caras à análise turística, temporalidade, corporificação [materialização] e identidade dos encontros, segundo as autoras, serve como *framework* para demonstrar como se materializam as práticas e discursos geopolíticos na dimensão ordinária, contribuindo assim para a geração de uma lente teórica crítica para o estudo do tema nesta escala.

Bhandari (2019) também aborda o tema da geopolítica relacionada ao turismo. Tomado como pano de fundo o contexto do patrimônio cultural Budista no Nepal, o autor analisou o *imaginário geopolítico* ao debruçar-se empiricamente sobre o caso de uma ONG chinesa que se implantou no local, sob o pretexto de desenvolver aí um polo turístico. Usando os discursos como unidade de análise, o autor identifica 20 *stakeholders* envolvidos na proposição, sensibilização e implantação do projeto e conclui que na articulação dos objetivos do projeto, a ação de atores nacionais é moldada pela luta de poder regional e pelo sentimento nacionalista originário na percepção de ameaça ao patrimônio em tela.

Em outra vertente, os estudos turísticos a partir da geopolítica tem sido feitos segundo o argumento de que o turismo – assim como outras atividades socioeconômicas – tem sido mobilizado pelo aparato estatal como um meio e uma ferramenta de se operar uma dada ocupação e uso do território com fins políticos. Rowen (2014), por exemplo, argumenta que o turismo tem sido usado como uma *tecnologia estatal de territorialização* – ou seja, como um modo de ordenamento social e espacial que produz o território turístico e estatal, como efeitos de relação de poder. Ao analisar as políticas territoriais e culturais, no contexto de rápido crescimento verificado pós 2008 no fluxo turístico na República Popular da China (RPC) em relação a Taiwan, o autor sugere que isso se deveu ao fato de se produzir múltiplas sensações de (pertencimento ao) Estado, segundo os diferentes *stakeholders*, em que a manipulação do

houve publicação do tema. Dos 18 *artigos* nela publicados, entre 1994 e 2019, que citam a expressão “*geopolitics*”, verifica-se que, de fato, apenas 4 artigos que efetivamente abordam e desenvolvem o tema. Cumpre ressaltar

que todos os textos relacionados à área de ciências sociais aplicadas e, em particular, à administração, contabilidade e negócios.

turismo – pelo Estado – como meio de exercício do poder levou ao agravamento de contradições existentes entre os programas de territorialização na China e em Taiwan.

Outros estudos, como os de Gao, Ryan, Cave e Zhang (2019) ou o de Nyaupane e Timothy (2010) –ainda que não utilizem explicitamente o quadro teórico da geopolítica para orientarem seus estudos– compartilham as mesmas premissas da análise política do modo de ordenamento espacial. Enquanto no primeiro caso os autores analisaram o caso da fronteira Daluo-Mongla (Xishuangbanna) entre da China e Índia, mostrando como o processo evolutivo emergente (tipo *bottom up*) de rápido crescimento do seu fluxo turístico na região tem reconfigurado as práticas sociais e econômicas (negócios) tornando-se uma importante atividade que passou a ser observada e controlada pelo Estado culminando com o rearranjo das forças locais e a dominância do Estado nacional. No segundo, surge um exemplo da estratégia ostensiva de controle *top down*, por parte do governo federal (que emite uma cota anual de vistos) em relação aos turistas internacionais ocidentais, já que os turistas orientais não sofrem nenhum controle. Esta estratégia de segmentação e diferenciação, segundo o autor, tem permitido ao país lidar com a dinâmica de um fluxo não massivo mas altamente rentável – importante para a manutenção da atratividade econômica da atividade – mas com algum gerenciamento artificial de sua escassez, tem sido operado pelo governo com vistas a manter o imaginário de uma busca e gestão por sustentabilidade (tão caro ao discurso e à ideologia ocidental) mas também como uma política econômica e estratégias de diferenciação regional e posicionamento deste destino no mercado turístico mundial.

Os casos e situações ilustrados acima parecem convergir ante ao que Bianchi (2018) considera como economia política do turismo, cujas contribuições, argumenta-se, têm sido o fornecimento de várias abordagens teóricas utilizadas na economia política para tratar do desenvolvimento turístico. O autor propõe que duas abordagens gerais podem servir para o enquadramento e entendimento de como o turismo tem sido mobilizado como discurso e prática no tocante ao desenvolvimento: de um lado, pela perspectiva marxista ortodoxa e, de outro, da economia política cultural. Ambas têm sido responsáveis pelo desenvolvimento de vários ramos e conceitos específicos de análise, que tem influenciado e continuam a dar forma ao estudo acadêmico da economia política do turismo.

3.2 Estudos recentes em países em desenvolvimento (América Latina e Ibero América)

Na América Latina os estudos sobre geopolítica e turismo também são recentes, tendo destaque a análise proposta pela corrente da geopolítica crítica. Cerdas (2014), em seu texto *Geopolítica en una "periferia del placer"*. *Colonialidad turística en Costa Rica*, propõe uma análise para além das condições macrossociais dadas pela dinâmica do mercado turístico em nível internacional com relação ao consumo turístico, enfocando as condições médias de como o turismo tem sido desenvolvido na América Central, tomando o caso particular de Costa Rica (distrito de Sardinal). Em sua visão, nesta escala da realidade verificam-se contradições –

econômicas, sociais e culturais– manifestas na mercantilização do espaço turístico internacional em escala local, as quais operam no sentido de promover uma especialidade funcional: o “tropicalismo” do sistema turístico global.

Briceño e Muñoz (2015), por exemplo, realizam uma análise do turismo a partir da Geopolítica Crítica, mobilizando os conceitos de sistema–mundo e economia–mundo para pensar a atividade turística. Segundo os autores, a relação entre a configuração do espaço e os interesses no incitamento do turismo como “indústria mundializada” se manifesta de forma espacialmente localizada na divisão do trabalho –seja no âmbito doméstico, seja no plano internacional– em que a atividade turística opera. Para além das significações macrossociais, a geopolítica se traduz em esquemas, rotinas e fluxos na escala microsocial, sendo produzida e reproduzida pelas práticas cotidianas dos atores.

A questão de gênero também tem sido mobilizada quando se trata de estudos de geopolítica crítica do turismo (Campos, 2013; Zaragocín, Venegas & Velasco, 2018). Outro tema frequente na discussão sobre geopolítica do turismo tem sido a sua relação com os demais fluxos migratórios. Campos (2013), por exemplo, analisou a intersecção entre gênero, turismo e fluxos migratórios e explorou como o turismo e os movimentos migratórios estão relacionados, apontando que, em função do seu uso, existem estratégias compartilhadas e conectadas entre o turismo e os processos migratórios, geralmente, sendo a visita turística uma etapa inicial de reconhecimento e instalação no local visado. Ou ainda o meio necessário para o estabelecimento de redes que alimentam o processo migratório. Nesse processo a questão de gênero parece ser relevante na medida em que facilita a capilarização e formação de laços sociais.

De certo modo a literatura sobre o tema é escassa, fragmentada e inconstante denotando a inexistência de linhas e grupos de pesquisa que animam a discussão de forma institucionalizada e cumulativa ao longo do tempo. Uma exceção são os pesquisadores Alfredo César Dachary y Stella Amaiz Burne. A abordagem do turismo pela lente da geopolítica, para estes autores, deve ser entendida dentro de uma perspectiva teórica própria desenvolvida pelos mesmos, ao longo de mais de meio século de trabalhos teóricos, empíricos e de intervenção (consultorias e assessorias a empresas e órgãos governamentais). Estes autores apresentam o turismo como um subsistema funcional integrado e otimizador (catalisador) do sistema capitalista em sua fase pós-moderna (contemporânea).

A perspectiva do turismo como modelo surge dentro da sociedade capitalista e de consumo, tendo se desenvolvido e consolidado, em particular, em sua fase de produção e consumo em massa. César Dachary e Amaiz Burne (2013), em *El turismo y la sociedad de consumo*, evidenciam os mecanismos que permitiram emergir, dentro de uma mudança de era e de modelo o turismo, que, por sua vez, também muda e se adapta ao longo do tempo. O mecanismo fundamental opera através de uma dupla distorção para dentro de si mesmo, como cópia que se vende como realidade, e dentro do contexto macro, ao se vincular como uma atividade desconectada da realidade em que o aloja, como se fosse algo externo, estranho, quase mágico em relação a ela.

Em outro texto César Dachary, César Amaiz y Amaiz

Burne (2016) levantam a problemática do porquê há uma visão tão reducionista no turismo, que o entende como um mero modelo de serviços, ao invés de um modelo mais amplo que permeia toda a sociedade. Para os autores, ao se concentrarem no fluxo turístico (sobretudo internacional) e na entrada de divisas, se exclui da análise a outra face do turismo, que é de sua sociedade, do país receptor, onde as transformações e impactos são profundos e afetam todos os seus sistemas econômicos, sociais, culturais, ambientais, reconfigurando a própria estrutura social. O entendimento do turismo como um modelo de desenvolvimento implica considerá-lo dentro da dinâmica mais ampla do sistema capitalista, onde o turismo cumpre um duplo papel, por um lado na aceleração do sistema tecnológico, produtivo e sociocultural e, por outro, a (re)produção ideológica do imaginário dominante que serve para legitimar e exemplificar (efeito demonstração) a “superioridade” da cultura dominante e seu estilo de vida, fazendo com que os povos dominados busquem voluntariamente aderir, copiar e assimilar à lógica da cultura e modo de vida (e de produção) dominante.

Em *Geopolítica, recursos naturales y turismo: una historia del Caribe mexicano*, Amaiz Burne y César Dachary (2009) realizam um longo e detalhado relato com base em dados de pesquisa e em suas experiências como expertos atuando em planos turísticos governamentais para a região, mostrando que ao longo dos últimos 4 séculos este território passou por uma sucessão de fases –desde os bastões de pintura, passando pela fase das guerras, do enclave florestal até culminar com o tempo do turismo– sempre sendo objeto de exploração de estrangeiros (dominadores, colonizadores, investidores e turistas), que fizeram negócio com suas riquezas, sendo a face atual do turismo apenas a mais explícita das assimetrias das formas de exploração, de hipocrisia e de violência e todas as suas formas.

Ainda trabalhando sobre o caso do Caribe Mexicano, César Dachary e Amaiz Burne (2014: 61), se questionam: “O que ocorreu com estes lugares? Foram sempre apenas espaços turísticos, ou foram construídos em um tempo relativamente longo para apagar a outra visão que os antigos habitantes tinham deles?” Os autores argumentam que, embora hoje o turismo seja a principal atividade não se fez aí, chegou apenas por causa de suas paisagens, cultura Maia ou a selva ainda preservada. Assim, o turismo seguiu a lógica capitalista, em particular sendo utilizado como uma estratégia

geopolítica, de uso e ocupação da região de forma não militar, estabelecendo uma fronteira (no contexto da Guerra Fria) de dominação e influência estadunidense, pelo sistema democrático de governo, capitalista de mercado e cultura da liberdade individual de ação e expressão.

Em outro trabalho, tratando da região fronteiriça entre Brasil e Argentina, César Dachary e Amaiz Burne (2012) se debruçam sobre o questionamento de quais seriam as causas da elevada assimetria, em termos de desenvolvimento, verificada entre os dois países na região em tela. Enquanto na Argentina as fronteiras foram militarizadas (embora disfarçadas de outras atividades, como, por exemplo, áreas de conservação ambiental e parques nacionais), no Brasil a opção pelo desenvolvimento econômico, sobretudo nas últimas três décadas tem levado a uma diferença significativa em níveis de desenvolvimento, o que leva, inclusive, como efeito de demonstração, a parte da população argentina da região aculturar-se buscando voluntariamente integrar-se a cidades brasileiras, desde a busca por serviços até lazer e entretenimento cultural (por exemplo, televisivo). Em sua visão, nesta região fronteiriça binacional existem duas grandes estratégias que se opõem.

Amaiz Burne e César Dachary (2004) discutem a sustentabilidade, que definem como “nova utopia do século”, questionando sua aplicabilidade na periferia mundial, marcada por zonas de pobreza que segundo os autores são duplamente insustentáveis, tanto para os habitantes quanto para os visitantes que se deparam com a realidade e suas contradições. Por essas razões, o turismo, a sustentabilidade e a pobreza são uma tríade inseparável na América Latina e Caribe. Os autores questionam a escassez de estudos sobre a alteração da identidade francesa ou inglesa, e o foco em problemas como o tráfego ou outros problemas urbanos desses destinos. Existiria nesses países um desenvolvimento sustentável ou um desenvolvimento econômico muito elevado que permitiria às autoridades resolver imediatamente os problemas? Já em destinos turísticos de países emergentes, como Cancun, que recebe menos da metade dos visitantes de Paris, os problemas sociais, ambientais e culturais são monumentais, para usar um exemplo dados pelos autores. O que os autores querem salientar é, se trata de impactos do turismo local ou de economias estatais com graves desequilíbrios que se potencializam nas atividades econômicas de cada região ou país?

Figura 2. Síntese dos autores, abordagens teóricas e aplicações do conceito de geopolítica no turismo.

Autores	Conceito central	Teoria Social / Sociológica de base	Vertente usada no Turismo	Nível de análise e tipo de objeto privilegiado
<i>Estudos em países desenvolvidos [Europa e América do Norte]</i>				
Raento (2009)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ “paradigma” visual dos estudos turísticos ▪ a política da identidade nacional [Imaginário] 	Pós-estruturalismo Teoria do Discurso Estudos semiológicos	Geopolítica crítica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Nível macrosociológico – país e identidade nacional ▪ Selos [representação de ícones] como objeto de análise
Kim, Prideaux & Timothy (2016)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ fluxos turísticos ▪ imaginário (história) 	Pós-estruturalismo Pós-modernismo Discurso e história	Geopolítica crítica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Nível mesossociológico – organizações (aeroportos) e regiões ▪ Fluxos de turísticos e mobilidade de pessoas como indicadores de geopolítica e objeto de análise
Burns, Cladera & Bergada (2008)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ análise dos fluxos 	Pós-estruturalismo Marxismo cultural Análise de redes (Castells)	Geopolítica crítica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Nível mesossociológico – organizações (aeroportos) e regiões ▪ Fluxos de voos e pessoas como objeto de análise
Mostafanezhada & Promburomb (2018)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ imaginário (moradores locais) 	Pós-estruturalismo Pós-modernismo	Geopolítica crítica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Nível microsociológico

		Discurso e história		<ul style="list-style-type: none"> Discursos e imaginário coletivo como forma de representação da identidade nacional [cinema e representação nacional] como objeto de análise
Gillen & Mostafanezhad (2019)	<ul style="list-style-type: none"> framework encontros turísticos "encontros geopolíticos" 	Pós-estruturalismo Pós-modernismo Sociologia das práticas	Geopolítica crítica	<ul style="list-style-type: none"> Nível microsociológico Práticas sociais e discursos (de atores individuais e coletivos) como objeto de análise
Bhandari (2019)	<ul style="list-style-type: none"> imaginário geopolítico 	Pós-estruturalismo Pós-modernismo Discurso e história Sociologia das práticas	Geopolítica crítica	<ul style="list-style-type: none"> Nível mesossociológico – organizações (ONG) e região (de fronteira) como operador geopolítica regional organizações (ONG) e atividades socioeconômicas como objeto de análise
Rowen (2014)	<ul style="list-style-type: none"> tecnologia estatal de territorialização 	Pós-estruturalismo Sociologia das práticas	Geopolítica crítica	<ul style="list-style-type: none"> Nível mesossociológico – organizações (ONG) e região (de fronteira) como operador geopolítica regional organizações (ONG) e atividades socioeconômicas como objeto de análise
Gao, Ryan, Cave & Zhang (2019)	<ul style="list-style-type: none"> Ocupação de fronteira Práticas e discursos Turismo como atividade socioeconômica 	Teoria social marxista ortodoxa / clássica	Geopolítica clássica	<ul style="list-style-type: none"> Macrossociológico (atividade turística em nível mundial); País e região como objeto de análise
Nyaupane & Timothy (2010)	<ul style="list-style-type: none"> tecnologia estatal de territorialização Turismo como prática socioeconômica de a tores coletivos como operadores geopolíticos 	Teoria social marxista ortodoxa / clássica	Geopolítica clássica	<ul style="list-style-type: none"> Macrossociológico (atividade turística em nível mundial); País e região como objeto de análise
Bianchi (2018)	<ul style="list-style-type: none"> Framework conceitual Teorias de economia política que embasam a geopolítica do turismo 	Teoria social marxista ortodoxa / clássica	Geopolítica clássica	<ul style="list-style-type: none"> Macrossociológico (atividade turística em nível mundial); País e região como objeto de análise
<i>Estudos em países em desenvolvimento [América Latina e Iberoamérica]</i>				
Cerdas (2014)	<ul style="list-style-type: none"> Colonização turística "tropicalismo" do sistema turístico global 	Teoria social marxista ortodoxa / clássica	Geopolítica clássica	<ul style="list-style-type: none"> Macrossociológico (atividade turística em nível mundial); País e região como objeto de análise
Briceno e Muñoz (2015)	<ul style="list-style-type: none"> Turismo como estratégia de territorialização 	Teoria social marxista ortodoxa / clássica	Geopolítica clássica	<ul style="list-style-type: none"> Macrossociológico (sistema-mundo); País como objeto de análise
Campos, 2013; Zaragocin, Venegas & Velasco, 2018	<ul style="list-style-type: none"> Turismo como prática social de estabelecimento de elos / conexões 	Pós-estruturalismo e estudos de gênero	Geopolítica crítica	<ul style="list-style-type: none"> Nível microsociológico Práticas sociais e discursos (de atores individuais e coletivos) como objeto de análise
César Dachary & Arnaiz Burne (2013); César Dachary, César Arnaiz & Arnaiz Burne (2016)	<ul style="list-style-type: none"> Turismo como modelo de desenvolvimento; Imaginário e ideologia de turística Efeito demonstração 	Teoria social marxista ortodoxa / clássica	Geopolítica clássica	<ul style="list-style-type: none"> Nível meso e macrossociológico; Organizações (públicas e privadas), atores coletivos e governos como objeto de análise
Arnaiz Burne & César Dachary (2009); César Dachary & Arnaiz Burne (2014: 61)	<ul style="list-style-type: none"> Turismo como modelo de desenvolvimento; Turismo como tecnologia estatal de territorialização Efeito demonstração 	Teoria social marxista ortodoxa / clássica	Geopolítica clássica	<ul style="list-style-type: none"> Nível meso e macrossociológico; Organizações (públicas e privadas), atores coletivos e governos como objeto de análise
César Dachary & Arnaiz Burne (2012)	<ul style="list-style-type: none"> Turismo como modelo de desenvolvimento; Turismo como tecnologia estatal de territorialização Efeito demonstração 	Teoria social marxista ortodoxa / clássica	Geopolítica clássica	<ul style="list-style-type: none"> Nível meso e macrossociológico; Organizações (públicas e privadas), atores coletivos e governos como objeto de análise

Fonte: elaboração própria.

4 CONCLUSÃO

Este estudo buscou realizar um levantamento da literatura recente e especializada sobre a geopolítica do turismo e, mais particularmente, investigar se há dentre elas alguma vertente específica de estudo do tema, no turismo, que dialogue com o contexto latino americano de desenvolvimento, o qual impõe seletividades tanto na agenda quanto na forma de operação de seus governos.

Para isso, realizou-se uma revisão de literatura do tema da geopolítica, a partir da qual identificou-se a existência de pelo menos três ondas cronológicas de estudos do tema, a geopolítica civilizacional, a geopolítica naturalizada e a geopolítica ideológica, além da

fragmentação discursiva experimentada pela corrente contemporânea. Além disso, com base na perspectiva realista crítica de estudo da geopolítica no turismo, enfatizando suas diferentes escalas, objetos e formas de manifestação na realidade, bem como os passos necessários para a integração e análise das propriedades emergentes do sistema.

Por outro prisma, é possível classificar epistemologicamente o debate em duas correntes, uma clássica, cuja episteme se filia em uma tradição preponderantemente estruturalista e cujo enfoque reside em grandes jogos, narrativas e atores (geralmente estatais); e outra crítica (ou contemporânea), cuja manifestação epistemológica é derivada do pós-estruturalismo e do pós-

modernismo e cuja influência recai em estudos sobre o cotidiano, atores não estatais e não centrais e em discursos (muitas vezes difusos) ao invés da agência estatal.

Essas duas correntes operam com lógicas opostas e frequentemente irreconciliáveis, pois operam em visões monoplanares, e uma visão tenta reduzir os conceitos da outra ao seu escopo e às suas categorias de análise. Somente uma visão que transcenda os limites monoplanares pode dar conta de tentar integrar as contribuições de cada uma. Uma interpretação que transcenda estes limites – por exemplo, de inspiração realista crítica – talvez possa incorporar as contribuições de cada narrativa (a saber os aspectos estruturais da visão clássica e a tecnologia *soft* e a multiplicidade de atores e visões da abordagem crítica) em um metarrelato.

Este estudo tentou contribuir com a identificação e sistematização das contribuições de clássicas e recentes de um tema emergente nos estudos turísticos, com ênfase na análise de uma possível tradição latino-americana neste campo. Em suma, a revisão bibliográfica revelou que a geopolítica do turismo pode ser entendida a partir de diferentes matrizes analíticas, seja por meio de uma perspectiva clássica – com foco nas relações macroestruturais e estatais – seja através da geopolítica crítica, que prioriza o papel dos discursos, das práticas sociais e dos atores não estatais.

Por outro lado, a fragmentação epistemológica dos estudos sobre a geopolítica do turismo ainda persiste, dificultando a construção de uma abordagem integrada e multidimensional. No entanto, a existência de uma tradição latino-americana pode ser identificada na medida em que autores da região têm desenvolvido um olhar particular sobre o tema, articulando questões como colonialidade, economia política e dinâmicas territoriais específicas dos países periféricos.

Diante desse cenário, há espaço para avanços, seja pela aplicação do tema em estudos empíricos, no contexto latino americano e sobretudo no contexto brasileiro, cuja discussão sobre o tema ainda é mais recente, seja pela exploração de novos conceitos e um modelo teórico mais amplo. Neste sentido, este estudo propõe três direções futuras para a pesquisa no campo da geopolítica do turismo. Primeiramente, há a necessidade de um maior diálogo entre as abordagens clássicas e críticas, permitindo uma visão mais holística e transdisciplinar do fenômeno. Aqui apontamos um caminho potencialmente frutífero via o Realismo Crítico. Em segundo lugar, recomenda-se o aprofundamento dos estudos empíricos sobre a geopolítica do turismo no contexto latino-americano, sobretudo por meio da conexão entre autores, a fim de consolidar a relevância e originalidade desta tradição e expand-la, uma vez que se encontra fundamentalmente baseada em poucos autores e concentrada no México. Por fim, é fundamental fomentar a internacionalização desses debates, ampliando a difusão da produção acadêmica em línguas além do português e do espanhol, para ultrapassar os limites do que Lacoste (2004; 2005) considerou como a geopolítica do inglês.

Ao integrar essas dimensões teóricas e empíricas, a geopolítica do turismo pode se consolidar como um campo de investigação robusto e de relevância crescente,

contribuindo para a compreensão crítica das relações entre turismo, poder e território em escala global.

REFERÊNCIAS

- Agnew, John (2003[1998]). *Geopolitics: re-visioning world politics*. Taylor & Francis e-Library [Routledge]: London & New York.
- Arnaiz Burne & César Dachary (2004). Sustentabilidad, Pobreza y Turismo: ¿oportunidad o necesidad? *Estudios y Perspectivas en Turismo*, (documentos especiales), v.13, pp.160-173.
- Arnaiz Burne, S. M. & César Dachary, A. A. (2009). *Geopolítica, recursos naturales y turismo: una historia del Caribe mexicano*. Editora de la Universidad de Guadalajara, Centro Universitario de la Costa.
- Bhandari, Kalyan. (2019). Tourism and the geopolitics of Buddhist heritage in Nepal. *Annals of Tourism Research*, Volume 75, pp. 58-69, ISSN 0160-7383, <https://doi.org/10.1016/j.annals.2018.12.006>, <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738318301361>
- Bianchi, Raoul. (2018). The political economy of tourism development: A critical review. *Annals of Tourism Research*, Volume 70, pp.88-102, ISSN 0160-7383, <https://doi.org/10.1016/j.annals.2017.08.005>, <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S016073831701287>
- Brauer, Rene; Dymitrow, Mirek & Tribe, John. (2019). The impact of tourism research. *Annals of Tourism Research*, Volume 77, pp.64-78, ISSN 0160-7383, <https://doi.org/10.1016/j.annals.2019.05.006>, <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738319300805>
- Cerdas, S. N. (2014). Geopolítica en una "periferia del placer". Colonialidad turística en Costa Rica. *Rev. Ciencias Sociales* 145(III): pp.45-60. <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/sociales/article/view/17610>
- César Dachary, A.; César Arnaiz, F.; Arnaiz Burne, S. M. (2016). Capitalismo, sociedad y turismo. *Opción*, v. 32, Especial n.13, pp.319-338.
- César Dachary, A., & Arnaiz Burne, S. (2013). El turismo y la sociedad de consumo. *Turismo y Sociedad*, 14, 65-82. Recuperado a partir de <https://revistas.uexternado.edu.co/index.php/tursoc/article/view/3715>
- César Dachary, A., & Arnaiz Burne, S. (2014). El caribe mexicano: La construcción de una frontera. *Boletín Geográfico*, 0(26), pág.61-74. Recuperado de <http://revela.uncoma.edu.ar/htdoc/revela/index.php/geografia/article/view/236>
- César Dachary, A., & Arnaiz, S. M. (2012). Región fronteriza de Argentina y Brasil: asimetrías y potencialidades. *DRd - Desenvolvimento Regional Em Debate*, 2(1), 204-231. <https://doi.org/10.24302/drd.v2i1.203>
- Dodds, Klaus; Kuus, Merje & Sharp, Joanne (2013). Introduction: geopolitics and its critics. In: Dodds, Klaus; Kuus, Merje & Sharp, Joanne (2013). *The Ashgate Research Companion to Critical Geopolitics*. Eds. Farnham, UK: Ashgate. (1st Ed.). [Print ISBN: 9781409423805] DOI 10.4324/9781315612874
- Gao, Jun; Ryan, Chris; Cave, Jenny & Zhang, Chaozhi. (2019). Tourism border-making: A political economy of China's border tourism. *Annals of Tourism Research*, Volume 76, pp.1-13, ISSN 0160-7383, <https://doi.org/10.1016/j.annals.2019.02.010>, <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738319300258>
- Gillen, Jamie & Mostafanezhad, Mary (2019). Geopolitical encounters of tourism: A conceptual approach. *Annals of Tourism Research*, Volume 75, pp. 70-78, ISSN 0160-7383, <https://doi.org/10.1016/j.annals.2018.12.015>, <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738318301452>
- Gyan P. Nyaupane, Dallen J. Timothy, (2010). Power, regionalism and tourism policy in Bhutan. *Annals of Tourism Research*. Volume

- 37, Issue 4, pp.969-988, ISSN 0160-7383, <https://doi.org/10.1016/j.annals.2010.03.006>. (<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S016073831000037X>)
- Kim, Seongseop (Sam), Prideaux, Bruce & Timothy, Dallen (2016). Factors affecting bilateral Chinese and Japanese travel. *Annals of Tourism Research*, Volume 61, pp.80-95, ISSN 0160-7383, <https://doi.org/10.1016/j.annals.2016.08.001>. (<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738316301153>).
- Lacoste, Y. (2004). Pour une approche géopolitique de la diffusion de l'anglais. *Hérodote*, (4), 5-9.
- Lacoste, Yves (Org.). *A Geopolítica Do Inglês*. São Paulo: Parábola, 2005. 159p.
- Raento, Pauliina. (2009). Tourism, nation, and the postage stamp: Examples from Finland. *Annals of Tourism Research*, Volume 36, Issue 1, pp. 124-148. ISSN 0160-7383, <https://doi.org/10.1016/j.annals.2008.10.006>. (<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738308001175>)
- Rowen, Ian. (2014). Tourism as a territorial strategy: The case of China and Taiwan. *Annals of Tourism Research*, Volume 46, pp. 62-74, ISSN 0160-7383,

<https://doi.org/10.1016/j.annals.2014.02.006>. (<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738314000255>)

- Zaragocin, S., Venegas, M. M., Velasco, S. A. (2018). Presentación del dossier. Hacia una reapropiación de la geografía crítica en América Latina. *Íconos: Revista de Ciencias Sociales*, ISSN-e 1390-1249, N° 61, pp. 11-32. (Ejemplar dedicado a: Geografías críticas en América Latina).

AGRADECIMENTOS

O primeiro autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro (Processos de concessão: 403114/2022-5 e 422153/2021-4), à Université du Québec à Montréal (UQAM) pela estadia e infraestrutura e à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) pela licença concedida.

CRedit author statement.

Term	Definition	A1	A2
Conceptualization	Ideas; formulation or evolution of overarching research goals and aims	x	
Methodology	Development or design of methodology; creation of models	x	
Software	Programming, software development; designing computer programs; implementation of the computer code and supporting algorithms; testing of existing code components		
Validation	Verification, whether as a part of the activity or separate, of the overall replication/ reproducibility of results/experiments and other research outputs	x	
Formal analysis	Application of statistical, mathematical, computational, or other formal techniques to analyze or synthesize study data	x	
Investigation	Conducting a research and investigation process, specifically performing the experiments, or data/evidence collection	x	
Resources	Provision of study materials, reagents, materials, patients, laboratory samples, animals, instrumentation, computing resources, or other analysis tools	x	
Data Curation	Management activities to annotate (produce metadata), scrub data and maintain research data (including software code, where it is necessary for interpreting the data itself) for initial use and later reuse	x	
Writing - Original Draft	Preparation, creation and/or presentation of the published work, specifically writing the initial draft (including substantive translation)	x	x
Writing - Review & Editing	Preparation, creation and/or presentation of the published work by those from the original research group, specifically critical review, commentary or revision – including pre-or post-publication stages	x	x
Visualization	Preparation, creation and/or presentation of the published work, specifically visualization/ data presentation	x	
Supervision	Oversight and leadership responsibility for the research activity planning and execution, including mentorship external to the core team	x	
Project administration	Management and coordination responsibility for the research activity planning and execution	x	
Funding acquisition	Acquisition of the financial support for the project leading to this publication	x	

Source: reproduced from Elsevier (2022, s/p), based upon Brand et al. (2015).

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial

Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recebido / Received / Recibido: 11.06.2024; Revisado / Revised / Revisado: 30.10.2024; Aprovado / Approved / Aprobado: 17.12.2024; Publicado / Published / Publicado: 31.12.2024.

Artigo convidado / Invited paper / Artículo invitado.